

EDUCAÇÃO: FOCO PRIORITÁRIO PARA AS POLÍTICAS DE GESTÃO DOS RESÍDUOS



Professor Maurício Waldman*

Atravessamos um período no qual o lixo se tornou pivô de grandes preocupações para a sociedade global.

No Brasil, a maioria dos municípios não faz coleta organizada dos resíduos, não os dispõem adequadamente ou se defrontam com o esgotamento dos seus aterros.

Neste cenário, cujos contornos mais dramáticos apontam para a colonização do Planeta por vagas incontáveis de lixo, é compreensível que surjam propostas visando “solucionar de vez” o problema materializado nos rejeitos.

Dentre estas, algumas reclamam atenção especial. É o caso dos planos indicando as grandes fossas oceânicas como sítio para recepcionar fardos de lixo descarregados por cargueiros em alto mar.

A proposta, defendida num contexto onde os oceanos estão se tornando mares de plástico e de detritos de toda ordem, evidentemente causa espécie em muitos segmentos de opinião, inconformados com a possibilidade dos domínios de Netuno se tornarem um depósito de lixo.

Outra proposição, tão ou mais preocupante, advoga a expansão dos incineradores, cujas fornalhas, num momento em que a escassez de energia se acentua cada vez mais, se habilitariam em recuperar a energia contida no lixo.

Rebatizados agora como unidades de recuperação de energia ou ainda, termovalorizadores, os incineradores seriam na voz dos seus defensores - a despeito de objeções quanto aos custos econômicos, sociais e ambientais envolvendo sua operação - uma “solução final para o lixo”.

Contudo, tais iniciativas, cujo denominador comum seria fazer o lixo “desaparecer”, não atendem ao foco básico da problemática dos resíduos. Na realidade, o mundo moderno deve repensar suas prioridades e seu estilo de vida, a começar pelo lixo nosso de cada dia.

Nesta perspectiva, não há como deixar de registrar o desperdício enquanto fator da

expansão dos detritos. Por exemplo, sabe-se que o brasileiro deixa no restaurante 20% da comida que pede (ou seja, vira lixo). Pior: são desperdiçados entre o produtor e o consumidor final de 10 a 15% das laranjas; 15,8% dos tubérculos; 21% do arroz; 25% do frango; 30% dos pimentões; 30% das hortaliças; 31% dos grãos e finalmente, 75% do leite!

Outra contabilidade assombrosa nos remete ao consumo de papel. Vamos aos números: o Brasil descarta ao longo do ano papel branco suficiente para circundar a Terra 48 vezes pela linha do Equador; somando-se outros tipos de papéis, poderíamos ir e voltar da Terra a Lua 25 vezes por ano; descartam-se também 4.980 toneladas de lenços de papel e 15.000 toneladas de guardanapos a cada 365 dias!

Estas cifras evidenciam em si mesmas a impossibilidade de manter os padrões atuais de geração de lixo. Sabe-se que a sociedade moderna está extraindo do meio natural muito mais do que seria permissível. Pelo mínimo, retira-se 30% a mais de recursos do que seria o teto máximo.

É como se a humanidade estivesse sobrevivendo à custa de uma espécie de cheque especial ambiental. Contudo, cheque é coisa de banco e a natureza não é casa da moeda, e tampouco um almoxarifado, fornecendo materiais ao nosso bel prazer.

Concretamente, o consumo atingiu tal nível que mesmo os ganhos obtidos pela recuperação de materiais estão sendo zerados. Portanto, além de reciclar, é essencial ampliar a escala de procedimentos, reutilizando, reduzindo e principalmente, repensando os modelos de uso e consumo dos recursos naturais.

Por isso mesmo, a educação - particularmente a educação ambiental - ao prevenir o surgimento do lixo, constitui estratégia indispensável. Educar é o caminho por excelência para mudar comportamentos e criar atitudes com repercussão positiva no cotidiano, um modelo muito mais eficiente do que propostas imediatistas que criam problemas adicionais sem de fato solucionar os que já existem.

Educar rumo a uma cidadania ambiental é essencial por significar menos desperdício de alimento para termos mais comida no prato; mais ecobag e menos saquinho plástico; mais garrafa de vidro retornável e menos vasilhame descartável; mais consumo consciente e menos consumo perdulário.

Mudando os procedimentos, menos esforço será necessário para coletar, dispor, confinar ou incinerar lixo. Alterando-se as prioridades, é possível transformar o círculo vicioso em círculo virtuoso.

Rever nossa postura diante do lixo é inseparável do rol das boas práticas ecológicas, desafio a ser enfrentado pelos educadores brasileiros e meta obrigatória para escolas, universidades e todos os centros educacionais.

É iniciativa que reclama ação urgente, com a educação exercendo papel fundamental.

Abaixo, alguns livros do autor:



LIXO: CENÁRIOS E DESAFIOS
Indicado ao prêmio Jabuti-2011
Categoria: Ciências Naturais

[Saiba mais](#)



MEMÓRIA D'ÁFRICA:
a temática africana em sala de aula
[Saiba mais](#)

*Consultor Ambiental. Pós-Doutorando do Depto de Geografia da UNICAMP, Instituto de Geociências. Bolsista do CNPq. Autor de *Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez Editora, 2010).
E-mail: mw@mw.pro.br
Home-page: www.mw.pro.br